

Internet Presente, Dependência Eminente? Um Estudo com Universitários

If you have internet, is there an eminent addiction? A Study with University Students

Internet Presente, Addicción Eminente? Un estudio con universitarios

Recebido em: 30/04/2018

Aprovado em: 10/05/2018

Avaliado pelo sistema double blind review

Editoria Científica: Comissão Científica do II SIED e Paulo Cassanego Jr.

Liane Mora – UNIPAMPA (lyanefm@bol.com.br)
Kathiane Benedetti Corso
Bibiana Giudice da Silva Cezar
Marina Valim Bandeira

Resumo

A democratização da informação e a amplitude da acessibilidade tecnológica que se vivencia, torna pertinente a inquirição sobre o comportamento e mudanças nos hábitos das pessoas em função da presença e uso da internet. Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa é analisar os impactos causados pelo uso excessivo de internet na vida acadêmica e pessoal de universitários. Para tal utilizou-se do método misto realizado em duas etapas: a primeira, quantitativa, aplicando-se o Teste de Dependência de Internet em sua versão brasileira adaptada por Conti et al. (2012) com estudantes universitários. A segunda, qualitativa, a partir de uma entrevista com os cinco estudantes que apresentaram grau de dependência de moderado a grave. Pode-se perceber na fala dos universitários o desgaste em relacionamentos familiares em função do comportamento abusivo, distúrbios de sono, falta de percepção do tempo quando online, ansiedade e baixo rendimento no trabalho quando ausente a internet. Cabe ressaltar o não reconhecimento de alguns entrevistados como sendo dependentes, apesar de perceberem alterações comportamentais e problemas causados pelo uso excessivo desta em suas rotinas.

Palavras-chave: Internet, Uso Excessivo, Dependência, Universitários.

Abstract

The democratization of information and the amplitude of the technological accessibility that is experienced, makes pertinent the inquisition about the behavior and changes in the habits of the people in function of the presence and use of the Internet. Therefore, the general objective of the research is to analyze the impacts caused by the excessive use of the internet in the academic and personal life of university students. For this purpose, the mixed method was used in two stages: the first, quantitative, applying the Internet Addiction Test in its Brazilian version adapted by Conti et al. (2012) with university students. The second, qualitative, from an interview with the five students who showed moderate to severe dependence degree. It is possible to perceive in students' speech the weariness in family relationships due to abusive behavior, sleep disturbances, lack of perception of time when online, anxiety and low income at work when absent the internet. It is worth noting the non-recognition of some interviewees as being dependent, despite perceiving behavioral changes and problems caused by excessive use of this in their routines.

Keywords: Internet, Overuse, Addiction, University students.

Resumen

La democratización de la información y la amplitud de la accesibilidad tecnológica que se vive, hace pertinente la inquisición sobre el comportamiento y cambios en los hábitos de las personas en función de la presencia y uso de Internet. Siendo así, el objetivo general de la investigación es analizar los impactos

causados por el uso excesivo de internet en la vida académica y personal de universitarios. Para ello se utilizó el método mixto realizado en dos etapas: la primera, cuantitativa, aplicando el Test de Adicción de Internet en su versión brasileña adaptada por Conti et al. (2012) con estudiantes universitarios. La segunda, cualitativa, a partir de una entrevista con los cinco estudiantes que presentaron grado de dependencia de moderado a grave. Se puede percibir en el habla de los universitarios el desgaste en relaciones familiares en función del comportamiento abusivo, trastornos del sueño, falta de percepción del tiempo cuando en línea, ansiedad y bajo rendimiento en el trabajo cuando ausente la internet. Cabe resaltar el no reconocimiento de algunos entrevistados como dependientes, a pesar de percibir alteraciones comportamentales y problemas causados por el uso excesivo de ésta en sus rutinas.

Palabras clave: Internet, Uso Excesivo, Dependencia, Universitarios.

1. INTRODUÇÃO

A natureza da inovação da internet não é apenas tecnológica, tem alcance antropológico, afeta as experiências, alteram convicções e referências sobre a comunicação, distâncias geográficas e percepção do tempo. Essa tecnologia permite o início de uma nova ordem, a da informação e da interação, que proporciona reforço e recompensas sociais ilimitadas (PERCURSO, 2009; GREENFIELD, 2011). A democratização da informação e a amplitude da acessibilidade tecnológica que se vivencia, torna pertinente a averiguação sobre o comportamento e mudanças nos hábitos das pessoas em função da presença e uso da internet. Essa interação entre indivíduo e computador é capaz de causar nos indivíduos uma dependência comportamental, também chamada dependência de internet.

O abuso, ou o comportamento compulsivo de uso de internet e tecnologias de informação e comunicação (TICs) tem sido tema recorrente nas diversas mídias (NICOLACI DA COSTA 2002a; 2002b), influenciadas por estudos dentro e fora do Brasil e pelas alterações comportamentais observadas num período de pouco mais de 20 anos (PONTES, 2013). Pereira e Piccoloto (2012) mencionam haver certo consenso entre vários autores quanto à predisposição de estudantes ao uso excessivo de internet em função do uso obrigatório da internet para fins acadêmicos, afinal uma das vantagens da rede é a troca de conhecimento que faz com que estes estudantes passem muitas horas navegando, em vários momentos de maneira dispersa. Informações do *Target Group Index*, analisadas pelo IBOPE Media (2014) comparam os anos de 2003 e 2013, e mostram um crescimento de 50% no consumo de internet por parte dos jovens. A busca pela informação e o entretenimento estavam entre as principais razões do acesso, superando a televisão como veículo de comunicação.

O uso frequente de internet, mídias e redes sociais é alvo também de estudos que apresentam alterações no funcionamento do cérebro dos usuários, especialmente na redução da capacidade de compreender e reter informações mais densas, algo que passou a interessar profissionais de diferentes áreas, entre elas educação, psicologia, marketing e administração (AZEVEDO, 2012). No mercado de trabalho, a informação e o conhecimento são recursos econômicos importantes para a competitividade das empresas, porém, a sobrecarga de informações trazidas pelo grande fluxo de comunicações, pode levar ao estresse e perda de eficiência no trabalho, tendo em vista que o potencial de captação do homem, do ponto de vista físico, mental e psicológico, continua restrito (LIRA et al., 2008).

Frente ao exposto, o presente estudo surgiu a partir do seguinte problema de pesquisa: Quais os impactos causados pelo uso excessivo de internet na vida acadêmica e pessoal de universitários? Deste modo, a fim de responder tal questão, objetiva-se analisar os impactos causados pelo uso excessivo de internet na vida acadêmica e pessoal de universitários.

Esse estudo justifica-se pela pertinência do tema na sociedade contemporânea e foi motivado pela percepção das pesquisadoras quanto ao uso de equipamentos tecnológicos pelos universitários, frequentemente conectados a rede. Tem-se por base um compilado de pesquisas realizadas sobre uso excessivo de internet cujos testes são, em sua maioria, aplicados a adolescentes ou universitários pela relação de naturalidade com a qual interagem com as diferentes formas tecnológicas.

2. INTERNET MÓVEL

Desde a sua criação a internet vem evoluindo. Da transmissão *dial-up* (linha discada) pouco abrangente devido a limitações técnicas e custo elevado, à popularização dos computadores, amplo acesso a conexão banda larga e desenvolvimento de ferramentas mais intuitivas. O número de usuários aumentou exponencialmente (FORTIM, 2013). A inclusão digital expandiu fronteiras, o universo online é vivenciado por pessoas de todas as idades e todos os estratos sócioeconômicos no mundo todo (ABREU et al., 2008).

No Brasil situação descrita tornou-se realidade em 2014, de acordo com dados divulgados pela Nielsen IBOPE, que estimavam a existência 120,3 milhões de pessoas com acesso à internet em todo o território nacional, 14% a mais do que os dados apresentado no ano de 2013, relativos ao mesmo período.

Como tecnologia social, a internet é a materialização de um novo cenário que combina as capacidades tecnológicas do som, televisão, telecomunicações e computador, capaz de proporcionar uma comunicação entre milhares de pessoas simultaneamente (BRANCO, 2005), criando possibilidades e reconhecimento social, forma através da qual influencia a vida cotidiana. (HAMPTON e WELLMAN, 2003).

Com aspectos diferentes quando comparada a internet tradicional cuja conexão é realizada principalmente através de microcomputadores fixos, a internet móvel leva a novos limites as características da modernidade.

Em 2013, Cavallini, Xavier e Sochaczewski apontavam, o acesso móvel no Brasil como a segunda forma mais popular de conexão à internet. Com o orçamento familiar limitado, os hábitos dos usuários foram sendo gradualmente modificados, das visitas às *lan houses*, até o aparelho celular transformar-se na primeira e principal fonte de acesso à internet, visto que o grande potencial da internet móvel é claramente facilitar o acesso aos recursos disponíveis na rede.

McLuhan (1974), dizia que o efeito psicológico mais evidente de uma nova tecnologia pode estar em sua demanda. A tecnologia tem o poder de criar seu próprio mercado. Ninguém quer um carro até que haja carros, e ninguém está interessado em televisores até que existam programas de televisão.

Atualmente, a transformação do telefone celular em um objeto social, dominante e pessoal leva Carbonell et al. (2008) a pensar a tecnologia móvel e a internet como elementos-chave de uma autêntica revolução social.

A presença contínua do celular, e principalmente dos *smartphones*, junto ao usuário é extremamente representativa do nosso cotidiano, mais até do que outros

dispositivos digitais. O uso destes portáteis nos permite vivenciar as relações online de forma extremamente realista e satisfatória, a ponto de se perder a noção do que é virtual e realidade material (FORTIM, 2013). No entanto, a ubiquidade da rede traz consigo uma reflexão: permanecemos em estado constante de ansiedade (BROLLO, 2008), a espera da informação que agora chega a nosso alcance mais rápido do que quando enviada a um computador (TAURION, 2002).

As constantes inovações e mudanças tecnológicas se por um lado, trazem benefícios sensoriais aos usuários e econômicos para as organizações, por outro, podem produzir problemas humanos e sociais que têm sido objeto de profundo debate devido às consequências à saúde mental dos indivíduos (CARLOTTO e CÂMARA, 2010).

3. DEPENDÊNCIA DE INTERNET

O prenúncio de McLuhan (1974) parece corroborar com cenas comuns de pessoas se relacionando através de equipamentos eletrônicos: “Uma extensão tecnológica de nossos corpos, projetada para aliviar o stress físico, pode produzir um stress psíquico muito mais grave” (MCLUHAN, 1974, p. 85). A naturalidade com a qual estas ações ocorrem dá aos usuários a impressão de ganho em agilidade. O que na maioria das vezes anula a percepção do quão dependente dessas ferramentas facilitadoras eles são e o quanto seus cérebros trabalham a mais para processar o aumento significativo de informação a que podem agora ser submetidos graças à eficiência tecnológica.

O psicólogo, norte americano, David Greenfield (2011) descreve a existência de dois tipos de problemas causados pela internet. No primeiro, a rede é a propulsora do padrão compulsivo apresentado pelo usuário, no segundo, um problema de saúde preexistente se associa ao uso de internet agravando o caso, e dando início a uma nova patologia. Para o autor, os diferentes modelos de comunicação resultam da tentativa de se fazer uma conexão entre seres humanos, entretanto, a ausência de uma interatividade humana corporal parece aumentar a probabilidade do comportamento abusivo ou compulsivo.

Em 1999, Greenfield (2011), expôs a complexidade quanto a determinação terminológica ideal a ser aplicada ao fenômeno de alteração de comportamento em resultado do uso excessivo de internet, que se deve, de acordo com Abreu et al., (2008), as diferentes áreas de atuação dos pesquisadores que buscavam compreender o fenômeno através de variados aspectos, o que denotava falta de critérios e definições operacionais, sendo a mais popular denominação “dependência de internet”.

Pontes (2013) ressalta que as inspirações e influências das investigações tem início nos estudos de dependência relacionada ao uso do computador, no final da década de 80. Já, a proposição do termo inicial para a identificação de pessoas que apresentavam problemas relacionados ao uso excessivo da internet, *Internet addiction disorder* (IAD), foi realizada pela primeira vez em 1995, pelo psiquiatra nova-iorquino Ivan Goldberg, que sugeriu (na tentativa de chamar a atenção) o uso dos critérios do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – IV* (DSM) para “dependência de substâncias” como método para o reconhecimento da IAD (ABREU et al., 2008; MARCUS, 2011; PONTES, 2013).

Atualmente, esse conceito de dependência de internet tem sido aceito como um transtorno clínico legítimo, tratado por hospitais e clínicas em diversos países da Europa, Ásia, Austrália, Estados Unidos, Canadá, México e América Latina, incluindo o Brasil, onde diferentes entidades como o Instituto Deleite e o Hospital das Clínicas de São Paulo oferecem assistência aos dependentes (ABREU et al., 2008; YOUNG e ABREU, 2011; LEMOS e SANTANA, 2012).

Em 1996, a psicóloga americana Kimberly Young, adaptou, como parâmetros a avaliação do nível de dependência de internet, um conjunto de critérios derivados do DSM relacionados ao jogo patológico, em virtude de características assemelhadas, como a desordem do controle de impulsos. Young então desenvolveu um questionário diagnóstico, o *Internet Addiction Diagnostic Questionnaire* (IADQ) que foi a primeira medida de avaliação desenvolvida, contendo 8 critérios sobre o uso de internet como: demonstrar preocupação excessiva com a internet; necessidade de uso crescente; tentativas em evitar o hábito constantemente frustradas; permanecer online mais do que o pretendido; relacionamentos pessoais e profissionais prejudicados por causa da internet; mentir para esconder a extensão de envolvimento com a internet e a utilização da internet como meio de fuga dos problemas. A afirmação em pelo menos 5 dos critérios propostos classificava o usuário como dependente de internet, e os demais como não dependentes. Os voluntários definidos como dependentes de internet pela pesquisa de Young (1996) relataram prejuízos de ordem pessoal, semelhantes aos de dependentes químicos, jogadores patológicos e pacientes com distúrbios alimentares (YOUNG, 1996; ABREU, et al., 2008; PONTES, 2013).

Para considerar um indivíduo dependente de tecnologia, em seus trabalhos iniciais, Griffiths (1995), utilizou postulados descritos por Brown, já que não havia sinais ou sintomas observáveis como em outros vícios, exceto, pelas características comuns às dependências como a saliência (importância dada ao uso), alterações de humor, tolerância (necessidade de aumento do tempo de uso), sintomas de abstinência, conflitos inter, ou intrapessoais e recaídas. Essas mesmas considerações são aplicadas a dependência de internet (PONTES, 2013).

De acordo Young, Yue e Ying (2011, p.22) as dependências são “a compulsão habitual a realizar certas atividades ou utilizar alguma substância, apesar das consequências devastadoras sobre o bem-estar físico, social, espiritual, mental e financeiro do indivíduo”.

Segundo Greenfield (1999), em muitos casos o comportamento compulsivo surge como uma fuga psicológica aos problemas da rotina, daí as maiores probabilidades de indivíduos insatisfeitos ou estressados, por exemplo, desenvolverem a dependência de internet, o que não significa que todo o usuário que usa a internet como fuga momentânea se torne dependente (YOUNG, YUE e YING, 2011).

Em revisão a estudos, Razzouk (1998) e Young (2011) destacam que o uso excessivo de internet, por si só, também não caracteriza a dependência de internet, embora estudos iniciais revelem que as pessoas classificadas como usuários dependentes geralmente permaneciam online de forma excessiva, por até 80 horas por semana (YOUNG, 2011). As autoras ressaltam ser mais importante o impacto do uso abusivo de internet na vida do indivíduo.

Os primeiros estudos para definição da dependência de internet examinavam somente padrões de comportamento, a fim de diferenciar o uso compulsivo, do uso normal de internet. Atualmente, além dessa perspectiva, são investigadas também as causas associadas ao transtorno (YOUNG, YUE e YING, 2011).

Embora não se descarte, e sejam observados comportamentos de dependência de internet em pessoas de diferentes idades e segmentos da sociedade, a verificação do comportamento excessivo de internet em grande parte dos estudos referenciados é aplicada a adolescentes ou universitários (PALFREY e GASSER, 2011).

Para Young (2011), o uso legitimado do computador, a fins de estudo ou trabalho é o que dificulta a detecção do diagnóstico, já que, a naturalização de uso, frequentemente mascara o comportamento dependente. Na realidade corporativa, a mesma, cita estudos que relatam o uso abusivo de internet por parte dos funcionários durante o período de trabalho, o que pode impactar diretamente na produtividade do empregado e no faturamento das organizações.

Levantamento realizado por Carbonell et al.(2012) na Espanha, mostra que maior a incidência de dependência de internet está relacionada a indivíduos do sexo masculino, que permaneciam mais tempo “navegando” na internet ou em jogos virtuais, preferencialmente a noite. Já as mulheres, utilizavam a internet na maior parte do tempo a fim de expressar e comunicar suas emoções, apresentando comportamento abusivo era maior que o dos homens no uso de internet móvel. Algumas pesquisas procuram identificar tendências do comportamento masculino e feminino na internet do ano 2000. Os resultados mostravam a propensão das mulheres em manter relações de interação como o flerte e o sexo virtual durante em salas de bate-papo, ao passo que, os homens eram atraídos pelos estímulos visuais e experiências sexuais (De ANGELIS, 2000).

Os efeitos do uso excessivo de internet trazem consequências ao cotidiano do usuário dependente e são relacionados por diversos autores (CLAY, 2000; MORAHAN-MARTINS, 2000; YOUNG, YUE e YING, 2011; CARBONELL et al., 2012; PONTES, 2013), como a depressão, ansiedade, isolamento, disfunção social, insônia, problemas acadêmicos, disfunção sexual, baixa autoestima e pensamentos negativos constantes.

Para Young, Yue e Ying (2011) a principal razão pela escolha na construção dos relacionamentos virtuais se deve ao anonimato do usuário nas redes, onde a presença de outros e a intimidade podem ser controladas, o que proporciona maior segurança ao usuário com conseqüente redução dos níveis de ansiedade (CLAY, 2000; CARBONELL et al., 2012).

Conforme Carbonell et al. (2012) o desenvolvimento de pensamentos negativos também é maior em casos de usuários patológicos de internet, o que de acordo com as pesquisas de Young, Yue e Ying (2011) contribui para o comportamento compulsivo. Morahan Martins (2000) e Pontes (2013) mencionam essa compulsividade como responsável por prejuízos de ordem financeira, já que são grandes as probabilidades de indivíduos desajustados apresentarem compulsão por compras ou sexo como forma de aliviar o mal estar emocional. Pontes (2013) relata ainda a ocorrência de transtornos de ordem fisiológica como aparecimento de tendinites, alterações na visão e alimentação, bem como distúrbios do sono e falta de percepção real do tempo de uso.

Diversos autores passaram a questionar a escassez e superficialidade de alguns estudos sobre dependência de internet. Para Clay (2000), a falta de uma seleção aleatória deixa dúvidas, pois normalmente as pesquisas são realizadas com populações restritas que tendem a certo comportamento, o que limita afirmações abrangentes, como o da existência de um transtorno global. A autora observa ainda que a problematização da correlação entre o desenvolvimento de relacionamentos virtuais e o aumento do

isolamento não é completamente verdadeira, pois de acordo com estudos, na maioria dos casos os amigos virtuais são trazidos a convivência física, porque a construção dessas amizades tem como base valores e interesses semelhantes, por tanto tendem a se tornar reais e duradouras.

Em suas reflexões, a pesquisadora brasileira Nicolaci da Costa (2002b, p. 28) demonstra a contrariedade quanto ao que chamou de “endemonização da internet” praticada pela mídia, através da divulgação de “informações fragmentadas, alarmistas e contraditórias”, tratando o dependente, por vezes, como um ser alienado.

Com o passar dos anos o método adaptado por Young citado anteriormente no tópico 2.2 foi alterado, contendo agora 20 itens de autopreenchimento baseados em uma escala *Likert* de frequência contendo cinco pontos, o *Internet Addiction Test* (IAT), que é o primeiro instrumento validado para a avaliação da dependência de internet, com versão para diversos idiomas, tornou-se a primeira medida psicométrica global que mede o grau de envolvimento dos sujeitos com a internet. Dentro da graduação, o sujeito deve se encontrar em um dos níveis: normal, leve, moderado ou pesado (grave). Na avaliação das propriedades psicométricas pela análise de fatores, foram identificados seis domínios: saliência (itens 10, 12, 13, 15, 19), uso excessivo (itens 1, 2, 14, 18,20), abandono do trabalho (itens 6, 8, 9), antecipação (itens 7, 11), falta de controle (itens 5, 16, 17) e abandono da vida social (itens 3,4) (YOUNG, 2011; CONTI et al., 2012).

O IAT, entretanto não é a única ferramenta metodológica usada para o diagnóstico da dependência de internet. Assim como na dificuldade de denominação do fenômeno comportamental decorrente do uso excessivo em internet, os fatores culturais e particularidades das sociedades geograficamente dispersas fazem com que cada autor desenvolva questionários e escalas específicas sobre sintomatologia psicopatológicas, ou instrumentos próprios; ou ainda, realizem adaptações de testes de personalidade, de ansiedade, de depressão, de inteligência emocional, entre outros, o que dificulta a concordância entre os estudos e não permite o estabelecimento de recomendação do instrumento mais adequado (BROLLO, 2008; YOUNG, 2011; CARBONELL et al., 2012).

4. PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho apresenta características de pesquisa descritiva, referendada por Gil (2008) como uma pesquisa cujos objetivos são o estudo das características de um grupo-origem, determinação de gênero, idade, estado de saúde físico e mental, além, é claro, do levantamento de opiniões, crenças e atitudes do(s) indivíduo(s).

A abordagem do problema foi dividida em duas etapas, sendo a primeira uma quantitativa, colocada em prática através da aplicação de um questionário.

O procedimento técnico metodológico adotado por este estudo foi o estudo de caso, visando o aprofundamento do tema de dependência de internet junto a indivíduos de interesse, no caso, estudantes universitários da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), do campus de Sant’Ana do Livramento – RS.

Para Yin (2005, p. 32), o estudo de caso é um estudo empírico, que tem o objetivo de investigar um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos e, no qual, várias fontes de evidência são utilizadas.

O trabalho está dividido em duas etapas: da primeira etapa quantitativa, participaram 307 alunos da UNIPAMPA, que responderam a um questionário elaborado

pela autora para verificar a existência de dependência de internet nos indivíduos do corpo discentes. A coleta dos dados foi realizada durante cinco dias, com uma única visita por turma. A população desta pesquisa foi composta por discentes dos cursos de Administração, Relações Internacionais, Gestão Pública e Economia.

Do total de questionários respondidos 261 foram considerados válidos, sendo 46 questionários descartados pela ausência de dados essenciais ou questões em branco. A amostra foi composta por 144 mulheres e 117 homens, com idades entre 17 e 65 anos, em média, 25,7 anos.

Já para a segunda etapa, qualitativa, foram entrevistados cinco estudantes que se dispuseram a participar do estudo em grau de profundidade ainda na etapa de coleta de dados. O critério adotado para a seleção destes foi o nível de dependência demonstrado pelo teste do IAT que são: normal até 30 pontos; leve de 31 a 49 pontos; moderado de 50 a 79 pontos; e grave de 80 a 100 pontos, do total de pontos marcados na escala *Likert*.

Para Marconi e Lakatos (2003) o questionário é um instrumento elaborado com uma série de perguntas ordenadas a serem respondidas sem a presença do entrevistador. O questionário (Apêndice A) utilizado nesta pesquisa foi estruturado com 31 questões objetivas e 3 subjetivas (de caracterização), com perguntas sobre o perfil do acadêmico e o Teste de Dependência de Internet, IAT, versão brasileira adaptado por Conti et al. (2012).

Com base em amostragem não probabilística, os respondentes foram selecionados de forma aleatória, durante o transcurso das aulas. Os questionários foram entregues a todos os alunos presentes em aula, após breve explanação sobre os objetivos da pesquisa e a garantia do sigilo das informações. O tempo para a resposta do questionário foi em média de 12 minutos. Após o término do período de coleta de dados por meio de questionário realizou-se uma análise estatística descritiva dos resultados, a fim de verificar alunos dependentes ou não de internet, bem como o perfil de uso.

Na etapa seguinte, de aprofundamento do tema, foi utilizado um roteiro de entrevistas contendo 35 questões (Apêndice B) que se basearam em modelos utilizados por Nicolaci da Costa (2002b) e Dal Cin (2013), este último apoiado nos diagnósticos de tratamento de Young (2011). Foram divididas as perguntas em 4 blocos sobre hábitos do usuário, sentimentos, problemas causados pela internet no cotidiano e transformações ocorridas na vida do usuário. O objetivo nesta etapa foi a verificação da ocorrência dos fatos presentes na teoria de apoio, anteriormente referenciada.

Foram entrevistados 5 alunos que apresentaram nos testes do IAT grau de dependência moderado a grave, e que se dispuseram a participar da entrevista durante a etapa de coleta de dados. De acordo com Marconi e Lakatos (2003) a entrevista consiste em um encontro entre duas pessoas para que uma obtenha informações da outra acerca de determinado assunto. A entrevista com roteiro semi estruturado é um dos principais meios de coleta de dados quando bem realizada, porém em sua aplicação é importante se levar em conta o tempo de exploração do entrevistado, para que o diálogo não se torne repetitivo e empobrecido, pois esta técnica oferece perspectivas para que o informante atinja uma espontaneidade e liberdade que pode enriquecer a investigação (TRIVIÑOS, 1987).

O presente estudo foi realizado na UNIPAMPA, Campus de Sant’Ana do Livramento, cidade localizada na metade sul do estado do Rio Grande do Sul, região com históricos problemas de desenvolvimento econômico e social.

Os dados obtidos por meio de questionários foram tabulados, organizados e analisados através de estatística descritiva com auxílio de planilhas eletrônicas e dos recursos da tabela dinâmica. Foram quantificados os instrumentos válidos, os participantes por sexo, idade, preferências na internet, de tecnologias de acesso, entre outros além da separação dos respondentes nos diferentes graus de dependência definido por Young (2011), como grave, moderado, leve e normal.

Já o conteúdo resultante do roteiro de entrevistas, foi transcrito, analisado e, mantida a divisão do roteiro em blocos, os resultados apresentados pelos estudantes foram comparados às características gerais apresentados na etapa de questionários e ao referencial teórico.

Segundo Triviños (1987), a análise de conteúdo pode ser aplicada em pesquisas de cunho qualitativo e quantitativo, o autor toma por base o conceito de Bardin em “*Uanalyse de contenu*,” de 1977, que classifica como um grupo de técnicas para análise das comunicações, que tem por objetivo descrever o conteúdo das mensagens para que se possam formar conclusões sobre as informações nestas contidas.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme procedimentos anteriormente descritos, neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa em duas etapas. A primeira de apresentação e caracterização da amostra conforme dados resultantes dos questionários aplicados, e a segunda de análise do conteúdo do roteiro de entrevistas.

5.1 Caracterização da Amostra e Perfil de Uso de Internet

Participaram da pesquisa 261 alunos de graduação da UNIPAMPA do campus de Sant’Ana do Livramento, onde as mulheres representaram 55,17% dos respondentes. A maior parte dos entrevistados, 52,1%, possui entre 21 e 30 anos, a idade mínima apurada foi de 17 anos e a máxima de 65 anos. Quanto à graduação, 158 dos estudantes pertencem o curso de Administração, 50 de Relações Internacionais, 32 de Gestão Pública e 21 de Economia.

Quando perguntado quais as ferramentas utilizadas pelos usuários para acessar a internet, a opção computador (que incluía *desktops*, *notebook* e *netbook*) foi marcada por 209 alunos, e a conexão por meio de smartphones foi assinalada por 184 respondentes, as formas de acesso à internet feita através de *tablets* ou *smart TV* obtiveram baixíssima representação.

As preferências online dos estudantes também foram registradas, mais da metade dos usuários de internet entrevistados firmaram como prioridades online o uso de e-mail ou a participação em algum tipo de rede social, seguido da leitura de jornais e revistas virtuais. Estes dados podem ser representativos da intensidade de comunicação, e de grande tendência na manutenção de relacionamentos online regulares, bem como presença de informação útil.

Em conformidade com o relatado no levantamento de estudos realizados na Espanha por Carbonell et al.(2012), nesta pesquisa, os respondentes do sexo masculino apresentaram forte tendência ao uso de atividades mais visuais, como assistir a vídeos online, ler jornais e revistas, participar de jogos virtuais, e acessar a conteúdos adultos.

As mulheres por sua vez, demonstraram maior inclinação a prática de atividades comunicativas, representando mais da metade dos respondentes quanto ao uso de redes sociais, e-mail, e participação em conversações em tempo real não presencial, o bate-papo.

A presença de quase 80% dos respondentes na faixa de até 28 anos caracteriza a amostra como jovem. Sobre o uso de internet, 36% dos entrevistados não possuem acesso ou utilizam muito pouco a internet no trabalho. Já para lazer, entretenimento, e outras atividades pessoais, o percentual de pessoas que não utilizam ou utilizam muito pouco a internet no cotidiano cai para 8%. O local “casa” foi escolhido por 195, ou 75% dos entrevistados como o ponto onde mais utilizam a internet, seguido pela opção “trabalho”, com 18% da preferência dos entrevistados. Da amostra obtida, 42% declararam apenas estudar, não exercendo outra atividade.

Quando questionados em relação a quantidade de pessoas com que moravam apenas 26 estudantes que responderam ao questionário disseram viver sozinhos, 59 indivíduos responderam viver com uma pessoa apenas, e 119 moram com 3 ou mais pessoas. Ainda, 77% dos entrevistados declararam-se solteiros enquanto 21% indivíduos são casados.

Dentro do intervalo de pontuação, que indica a existência ou não de grau de dependência em internet, 139 respondentes apresentaram nível de envolvimento normal, 84 leve, 36 moderados e apenas 2 sujeitos atingiram nível considerado grave. Realizando testes estatísticos, verificou-se que a moda dos resultados do teste do IAT, elaborado por Young (2011), foi de 42 pontos, o que na escala da referida autora representa um grau leve de envolvimento com a internet classificando assim o perfil dos respondentes como “Normal”, ou seja, muito embora a olhos vistos, na rotina do meio universitário o comportamento de parte considerável dos estudantes possa parecer negativamente alterado em função de um uso excessivo de internet, os resultados obtidos com a maior parte da amostra desatendem aos critérios do IAT para dependência de internet, mesmo que, de acordo com Young (2011) a naturalidade com que se utiliza a tecnologia possa em alguns casos mascarar os resultados, minimiza-se, por ora, a concepção de impacto nocivo causado por aparente compulsão por internet.

Em análise, o grau de dependência de internet foi relacionado ao sexo dos questionados, os resultados mostraram níveis de dependência nas amostras femininas levemente mais elevadas que as masculinas. Os 2 sujeitos que apresentaram grau de dependência de internet eram do sexo feminino.

O fator distância das famílias não se mostrou relevante, ou seja, a suposição de que um maior tempo online pudesse ser motivado pelo afastamento físico entre estudantes e suas famílias/amigos não foi significativa quando comparados com estudantes que vivem com seus familiares/amigos.

Um dos motivos da prevalência de dependência de internet em jovens e universitários, como já citado é a assimilação e a familiaridade da utilização da internet em suas rotinas diárias estimulada pela disponibilidade de acesso à rede em qualquer lugar. Mesmo a frequência de respostas ao teste do IAT tendo classificado a amostra como “normal” uma análise comparativa entre respostas (ao IAT) e as diferentes faixas de idade possibilita duas observações interessantes, a primeira é a falta de controle do uso de internet como característica marcante no grupo de “17 a 20 anos”, o único a apresentar pontuação relevante na questão de número “16”; e fato do uso excessivo de

internet e consequente abandono de tarefas domésticas ser maior entre indivíduos do grupo acima de 40 anos, questão número “2”. Percebe-se aqui a tendência de pessoas mais maduras, em utilizar cada vez mais a internet como ferramenta de apoio, entretenimento ou de substituição de hábitos, o que acaba por repercutir em determinados aspectos da vida cotidiana desses sujeitos.

As questões de número “6” e “8”, respectivamente sobre piora no desempenho e produtividade escolar, e de trabalho, não atingiram frequência de pontuação igual a 2 da escala *Likert*, outras questões.

5.2 Hábitos, sentimentos e problemas causados pelo uso excessivo de internet na vida dos estudantes

O texto que segue é baseado em entrevistas realizadas com cinco estudantes da UNIPAMPA que aceitaram participar desta etapa ainda na fase de aplicação dos questionários, quando ao final do preenchimento do rol de perguntas imediatamente procederam a soma do inventário do IAT e se identificaram quanto a classificação do grau de dependência como moderado. A seleção destes deu-se de forma aleatória entre os respondentes mais acessíveis que prontamente se dispuseram a colaborar. Dos dois usuários classificados como grave um não foi identificado e o outro por motivos diversos optou por não participar. Algumas semanas após a aplicação dos questionários em sala de aula todos estudantes foram novamente submetidos a responder ao teste do IAT onde foi confirmado o nível de severidade de dependência de internet moderado. Por fim, o grupo de entrevistados foi composto por 4 mulheres e 1 homem, com grau de dependência moderado e idades entre 20 e 31 anos.

Seguindo a forma de apresentação do roteiro de entrevistas, a análise do conteúdo originado das entrevistas está subdividida em blocos de percepção dos usuários, apoiado no modelo exibido por Nicolaci da Costa (2002b). São eles: Hábitos dos usuários; Sentimentos, emoções e opiniões; Problemas, vida virtual e vício; e Mudanças e transformações na vida dos usuários em função da internet.

Questionados quanto à iniciação na internet os cinco estudantes declararam ter entrado em contato pela primeira vez por motivos escolares, quatro disseram ter descoberto a internet ainda na adolescência ou infância, “*Eu comecei a acessar a internet na época do colégio, porque meu pai me estimulou a fazer pesquisas na internet. Só que eu fiquei viciada mesmo quando começou o Orkut*” (D. 25 anos). O uso de redes sociais também fez parte dessa iniciação ao mundo virtual, permanecendo até hoje como uma das atividades regulares mais citadas pelos jovens durante a entrevista:

“Primeiramente começou na época da escola (...) fazendo pesquisas, enfim. E posterior a isso as redes sociais, na época do Orkut que era febre, e depois também em sites de relacionamentos. Porque eu acho que até é uma ferramenta de conhecer novas pessoas, entende! Pra uma pessoa que não vai a festas como eu (...) é uma maneira de conhecer pessoas, por isso acho que é importante” (F. 29 anos).

O relato corrobora com o descrito por Palfrey e Gasser (2011) quanto ao uso da internet por jovens ou adolescentes como forma de experimentação da identidade social que pode ser observado nos entrevistados através do uso das redes sociais e do aperfeiçoamento intelectual visto na busca de informações como na realização de pesquisas escolares.

O celular ou *smartphone* é atualmente o aparelho preferido dos entrevistados para acessar a internet. Os motivos foram unânimes: a proximidade e disponibilidade deste aparelho sempre ao alcance. O tema foi tratado por Taurion (2002) como uma tendência futura, que veio a se confirmar 13 anos depois. Já o que disse Carbonell et Al. (2008), sobre tal aparelho possuir características de objeto social dominante é tanto verdade, que quando perguntados sobre quanto tempo permaneciam online as respostas variaram entre “24h” e “sempre” no *smartphone*. As falas destacadas a seguir mostram esse comportamento,

*“Fico o tempo todo conectada, 24 horas. Só que eu acesso quando eu “tô” livre, assim, do trabalho, da faculdade. Eu preciso que fique ligada o tempo todo [a internet]. *risos* preciso ter informação. Ou os meus e-mails, né! Tem que estar sempre atualizados” (P. 31 anos). “Conectada “tô” sempre, mas não quer dizer que (...) eu to mexendo, entendeu?! Posso “tá” ali, “tá” dizendo que eu “tô” online no facebook, entendeu?! Mas não “tô”, deixo ligada a internet no celular, mas não fico mexendo. (...) porque se chamarem e estiver desconectado não vou receber a mensagem na hora. Às vezes no “whats” é alguma coisa que exige que tu respondas rápido, entendeu?!” (D. 25 anos).*

Perguntado sobre o que mais faziam na internet grande parte das respostas foram para o uso de e-mail, redes sociais e pesquisas relacionadas à faculdade ou ao trabalho. Nos momentos de folga os estudantes mencionaram realizar atividades de rotina como arrumar a casa, lavar roupas, assistir filmes e dedicar o tempo ao companheiro ou filhos. Afirmaram, porém, em paralelo às referidas atividades, acessar a internet conforme vão terminando as tarefas ou filhos e companheiros se afastam.

Todos os cinco entrevistados afirmaram ter passado horas seguidas na internet, ou mesmo ter virado a noite navegando, ou conversando com pessoas. No que diz respeito ao número máximo de horas dedicadas à internet, alguns relatam lembrar-se do tempo despendido e dos motivos que levaram a passar tantas horas conectado, outros disseram não ter dedicado o tempo discorrido a nada em específico, ficaram apenas “mexendo na internet”. Lembrando que o número de horas caracteriza apenas o uso excessivo, mas, conforme Young (2011) não é o suficiente para definir a dependência, que deve estar associada a ainda outros fatores.

Percebeu-se que os estudantes possuem uma rotina de uso excessivo de internet que acaba por comprometer a atenção dispensada a outras atividades. Grande parte do tempo utilizado na internet é dedicado a comunicação com pessoas conhecidas, como amigo, familiares, colegas da faculdade ou para trabalho. O *smartphone*, que aparece como ferramenta principal na rotina de acessos a internet é mais um elemento causador da ansiedade apresentada pelos usuários.

Em definição ao que os mantinha na internet, foram utilizadas pelos entrevistados as palavras “informação”, “notícias” e “comunicação”, que resumiam a importância da manutenção do contato com o mundo ao redor. Das facilidades advindas da internet, a revolução das comunicações é para estes, o fator mais importante. Muitos relataram manter contato com amigos e familiares que vivem em outras cidades, ou mesmo a preferência por conversar sem deixar o conforto do lar.

A perda da noção do tempo despendido na internet também é outro fator encontrado no grupo de entrevistados, através do relato de quatro indivíduos, que tem a sensação de que o tempo passa muito mais rápido quando estão online. Que uma simples curiosidade ou “rápida” conversa pode render uma hora ou mais do que se pretendia. Esse sentimento de volatilidade do tempo concorda com o encontrado no item “1” do teste do IAT aplicado aos demais alunos da universidade.

Quanto ao sentimento em relação a publicar informações, imagens, vídeos, apenas os sujeitos “J. 20 anos” e “F. 29 anos” disseram preferir a descrição no que se refere ao compartilhamento de atividades online, não exercendo, ou exercendo muito pouco esse tipo de comportamento na internet. Para os demais, trata-se de uma atividade prazerosa.

Indagados sobre algum acontecimento em que outras pessoas se queixassem do uso excessivo, três indivíduos que responderam positivamente, sendo que a mãe, o namorado e/ou amigos reclamam quando o uso da internet interfere no relacionamento. Já sobre ter o tempo de internet controlado por outra pessoa, outros três estudantes afirmaram que o marido ou namorado exercem o papel de figura moderadora: *“Meu namorado, quando ele chega à minha casa, me faz desligar o Wi-Fi na mesma hora. *risos.”* (J. 20 anos); enquanto outros acabam repetindo o comportamento: *“Não. Porque todo mundo é que nem eu. Até minha mãe que antes reclamava (...) agora eu fico [dizendo] mãe, dá pra ti olhar pra mim, eu to falando contigo! A minha mãe aprendeu comigo”* (D. 25 anos).

Em relação à falta de internet e o que sentiam os usuários a respeito, apenas um sujeito disse não sentir necessidade de internet, os demais relataram sentir a ausência quando não podem estabelecer conexão por estar no trabalho, na faculdade ou mesmo pela ausência ou lentidão do sinal da operadora ou de redes Wi-Fi. Um dos entrevistados chegou a mencionar que se sentiria perdido sem poder acessar a internet.

Para os estudantes de modo geral, viver em um mundo sem internet seria mais trabalhoso, *“Acho que seria estressante, porque eu acho que é mais para me desestressar que eu uso a internet”*. (P. 31 anos) Eles citam a importância desta ferramenta na obtenção da informação, como por exemplo, nas pesquisas dos conteúdos para as aulas da faculdade, ou da busca por entretenimento, e mesmo nas relações de comunicação entre clientes, funcionários e fornecedores no trabalho corporativo, *“Um desastre! Hoje em dia não tem como uma pessoa viver sem internet, não tem como. (...) no meu ambiente de trabalho (...) o sistema operacional depende de internet (...) o telefone é através da internet. ‘Ia’ ser diferente, né?”* (F. 29 anos).

Entre alguns dos problemas percebidos e relatados pelos entrevistados estão a perda de sono, o abandono da vida social e os conflitos em relacionamentos familiares, como evidencia *“(...) muitas pessoas da minha família (...) reclamam que passo muito tempo na internet. Eu não converso. Eu chego em casa cansada e vou pra internet, e ali consigo relaxar melhor do que conversando com eles”* (F. 29 anos). Tais características evidenciam o comportamento abusivo dependente, porém, os benefícios da internet parecem anular a percepção de dependência: *“Já deixei de ir a vários lugares com meus amigos, de os meus amigos se irritarem comigo por eu preferir ficar em casa na internet a fazer alguma coisa com eles. (...) Eles se chateiam. (...) [não vou] por acomodação, preguiça, sei lá!”* (D. 25 anos).

A restrição na comunicação familiar foi relatada por Carbonell et al. (2012) como um tipo de disfunção social que leva ao afastamento do convívio em família, ou de amigos. Para Greenfield (1999) quando o uso abusivo causa transtornos ou prejuízos em

alguma área importante da vida do indivíduo, fica estabelecida a relação de dependência.

Apenas um dos estudantes disse não perceber o abuso do tempo na internet, os demais relatam a interferência do uso excessivo na rotina através da procrastinação de atividades, definindo o tempo gasto como perdido.

Com algumas ponderações, quando questionados quanto a conseguir se relacionar com outras pessoas durante algum evento ou comemoração sem o uso de internet, a maioria dos universitários respondentes afirmou conseguir interagir sem se preocupar com o que está acontecendo no mundo virtual.

Em relação ao uso de internet para aliviar algum sentimento ou mesmo fugir de aborrecimentos e chateações porque não estão sendo vistos pessoalmente, quatro dos respondentes disseram já ter usado a internet para aliviar sentimentos como o tédio e aborrecimentos navegando por período indeterminado e sem objetivo fixo, “(...) *eu acho que a internet é como a música, sabe?! Tu vai ouvir música e parece que tu relaxa, sabe?! Daí (...) tu fica ali dando risada, olhando bobagem (...) se distrai e passa a hora*” (D. 25 anos). Essa experiência de comunicação agradável é proporcionada, segundo Carr (2011) pelos estímulos interativos e sensoriais que proporcionam relaxamento o que de acordo com Nicolaci da Costa (2003) pode influenciar para que os usuários se mantenham cada vez mais conectados, evidenciados na fala “[*Quanto ao alívio de sentimentos*] com certeza, *Porque ali tu pode muitas vezes até fingir que está feliz. (...) pode criar um mundo imaginário, né! Tu foge da vida real*”. (P. 31 anos)

Quando perguntados se os amigos virtuais eram os mesmos da vida real ou qual a maior rede de contatos, a maioria dos entrevistados afirmou possuir uma rede de contatos virtual maior, porém os relacionamentos virtuais mais frequentes ocorriam com amigos “de verdade”, pessoas que conheciam realmente, ainda que não se encontrassem tanto fisicamente. Apenas um estudante relatou manter contato com pessoas de forma presencial na maior parte do tempo. Todos utilizam as redes sociais ou outras formas de comunicação proporcionadas pela internet para firmar amizades distantes, mas reais.

Questionados sobre o que seria a dependência de internet e se consideravam se como tal, apenas o sujeito “P. 31 anos” se autodeclarou como usuário abusivo. Neste caso, a percepção dos demais entrevistados pareceu estar diretamente relacionada com aspectos sabidos sobre o significado da palavra dependência de um modo geral: “*Eu acho que é o tipo de falta que parece que não tem como suprir com outra coisa, [ou] pessoa. Não me considero dependente*” (J. 20 anos). Já para F (29 anos) “*É aquela pessoa que está 100% (...) conectada utilizando a internet. Que passa nos corredores com a cabeça baixa, né! E não fala. Acho que consigo ter uma vida paralela a internet, vamos dizer assim, de um modo normal*”. (F. 29 anos). Outro cita

exemplos do comportamento de dependência:

“Dependência? É o que a gente sente assim, a falta dela [internet] quando não pode utilizar aí tu sente a dependência. (...) depende do nível, né! (...) [a pessoa] pode até ficar irritada e agir compulsivamente (...), por exemplo, em sala de aula, o professor tá falando e a pessoa superdependente “tá” ali, mexendo, escondidinha, mas “tá”. Eu me considero porque eu sinto a necessidade (...) eu não me imagino sem internet”. (P. 31 anos)

Quando questionados sobre quais coisas os agradavam na internet que não existia na vida real os estudantes relataram diferentes motivos, como a acessibilidade da informação sobre tudo, *hobbies*, moda, estilos de vida, viagens, itens de consumo que podem ser adquiridos somente pela internet e claro a manutenção do contato com pessoas longínquas e outras não muito distantes.

Já quanto a sentirem-se mais à vontade ao relacionarem-se com pessoas quando conectada ou desconectada apenas um dos entrevistados respondeu sentir-se mais seguro para conversar quando fica conectado a internet, os demais preferem conversas ao vivo. Demonstrando, entre outras coisas, preocupação em dar atenção ao outro, e com mal entendidos que podem ocorrer pela forma de se expressar virtualmente ser diferente de quando se está diante de uma pessoa.

Os benefícios da internet percebidos pelos usuários são inúmeros, porém é preciso que se tenha uma atenção especial aos efeitos negativos de seu uso desregrado. A internet, como citado por Taurion (2002) permite a exploração de tempos antes considerados perdidos, mas pode representar para nossos cérebros o que representa uma intoxicação ao organismo originado pelo uso exagerado de determinados químicos.

Entre os impactos do uso excessivo de internet encontrados aqui, cabe ressaltar o não reconhecimento da maioria dos entrevistados em sendo dependente de internet, mesmo que por diversas vezes reconheçam alterações comportamentais e problemas causados pelo uso excessivo desta em suas rotinas, a não aceitação é sentimento comum mesmo a sujeitos que apresentam outras dependências. Citado por Young (2011) o uso legitimado e cotidiano dos computadores, e agora também dos *smartphones* muitas vezes dificulta e mascara o diagnóstico de dependência. A presença contígua deste aparelho é o que permite para Fortim (2013) a existência de relações online de forma realista, chegando ao ponto em que o usuário perde a noção do que é virtual ou real.

Outra característica importante relacionada ao grupo estudado é a presença habitual dos estudantes nas redes sociais ou aplicativos de comunicação. Apesar de fazerem uso de outras ferramentas como o e-mail e sites de busca, boa parte das associações feitas quando citavam hábitos de uso na internet estavam relacionadas à comunicação e interação com amigos através dos grupos sociais online. Quando perguntado “o que te mantém na internet?”, o relacionamento com pessoas reais, mas distante foi o mais citado, o que ratifica a revisão literária de Clay (2000) onde afirma que relacionar os frequentes hábitos de comunicação virtual com o aumento do isolamento (solidão) do indivíduo é um erro. O mesmo foi observado por Nicolaci da Costa (2002b), em suas pesquisas os sujeitos mantinham o hábito de conversar virtualmente com amigos da vida real. Aqui chama a atenção também o testemunho de um dos entrevistados que relatou conseguir relacionar-se com pessoas reais e virtuais em tempo real.

No que concerne a outros impactos da dependência presentes no grupo, estão os transtornos de ordem fisiológica referidos por Pontes (2013) como distúrbios que afetam o sono e a falta de percepção do tempo de uso. Todos os entrevistados mencionaram dormir pouco ou muito tarde da noite para permanecer online por mais “10 minutinhos”, que se transformam em 1 ou 2 horas. Nenhum dos entrevistados relatou ou expressou perceber impactos do comportamento abusivo na própria rotina acadêmica, apenas observaram o comportamento de terceiros que possivelmente seriam dependentes de internet, ainda sim, em pelo menos três dos entrevistados foram percebidos sinais de ansiedade, o que lembra o anteriormente citado por Sebastião e Lampkowski (2009) de

que a internet é muitas vezes utilizada para aliviar tal sentimento, fato também confirmado pelos estudantes que disseram fazer uso da rede para atenuar chateações ou aborrecimentos apenas “navegando” sem qualquer objetivo definido.

As consequências do comportamento abusivo nos relacionamentos com outras pessoas são evidenciados nos relatos dos entrevistados, muitos citam experiências de conflito com familiares e até mesmo amigos que se incomodam em vê-los por tanto tempo “dentro” dessa realidade paralela. Companheiros ou demais familiares tornam-se moderadores dos excessos, um dos estudantes expôs preferir permanecer na internet a interagir com familiares próximos o que lembra Quan Haase e Wellman (2002), que mencionou a interferência da internet nas relações entre pessoas, que a partir desta, passamos a socializar mais com pessoas distantes em detrimento às mais próximas.

Por fim, o anteriormente descrito corrobora com as características negativas ou impactos de dependência de internet mencionadas por Young, Yue e Ying (2011), Carbonell et al. (2012), Pontes (2013) e outros autores. Todos esses comportamentos são indícios da dependência, dito por Greenfield (1999), quando a compulsão em realizar certas atividades passa a ter influência sobre uma área importante da vida, confirma-se o diagnóstico dependente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet é considerada hoje uma das, ou a mais importante ferramenta de compartilhamento de informação e de comunicação em massa. Desde seu surgimento, notam-se grandes avanços em diferentes áreas. A possibilidade de informar sobre tudo a todos é o que desperta e atrai cada vez mais novos usuários, que a utilizarão a fim de aprimorar seus conhecimentos ou ainda agilizar as tarefas de trabalho.

O presente estudo abordou a dependência de internet de modo descritivo, com um aprofundamento do tema na verificação dos impactos causados pelo uso abusivo de internet na vida acadêmica e pessoal dos discentes da UNIPAMPA Campus Sant’Ana do Livramento.

Os objetivos do estudo foram atingidos, ao passo que foi possível (a) identificar o perfil dos acadêmicos do Campus quanto ao uso de internet, verificando um perfil jovem, que usa a internet para comunicação e informação através do uso majoritário das redes sociais, e-mail, e jornais e revistas online. A maioria, num total de 44% acessa a internet por combinação de *smartphone* e computador. O percentual de estudantes que possui *smartphone* é de 43%, e 75% têm o local casa como principal ponto de acesso a internet.

Também foi possível (b) identificar a existência de acadêmicos dependentes de internet vista a obtenção de 1% com nível grave, 14% moderado e 32% leve. A constatação de tais resultados não pode ser menosprezada, afinal é representativa de uma parcela dos universitários que frequentam o Campus, e que poderão ter seu desempenho acadêmico afetado por tal comportamento, de uso excessivo de internet, o que, por conseguinte, refletirá no aproveitamento dos cursos ofertados pela UNIPAMPA, Campus de Sant’Ana do Livramento.

Quanto ao (c) impacto da internet no comportamento dos usuários, verificou-se que os entrevistados com grau de severidade moderado têm conhecimento dos problemas causados em sua rotina pelo uso excessivo de internet. Foi relatado desgaste em relacionamentos familiares, em função do comportamento abusivo, distúrbios de

sono, falta de percepção do tempo quando online, ansiedade e baixo rendimento no trabalho, quando ausente a internet.

Os benefícios percebidos pelos usuários são inúmeros, porém é preciso que se tenha uma atenção especial aos efeitos negativos de seu uso desregrado. A internet pode representar para nossos cérebros o que representa uma intoxicação ao organismo originado pelo uso exagerado de determinados químicos. Sua popularidade e naturalização de uso em nossa rotina através dos computadores, *tablets* e *smartphones* muitas vezes mascaram os comportamentos abusivos, onde o usuário perde o controle sobre a sua rotina, dedicando-se cada vez mais ao mundo virtual.

As limitações estão de modo geral no tempo restrito para a pesquisa, visto tratar-se de um trabalho de conclusão de curso e considerando que, de acordo com Gil (2008) o estudo de caso demanda maior tempo de investigação. Também a restrição do número de estudantes avaliados. O número de acadêmicos participantes não permite expressar uma realidade da população universitária local em sua totalidade.

Embora permita sinalizar um alerta e apontar um caminho para estudos posteriores a compreensão dos fenômenos relacionados a dependência de internet e suas implicações no contexto da Universidade seria fortalecida pela condução de estudos similares em outras composições como, por exemplo um levantamento quanto a presença dessa patologia ou assemelhadas, como a dependência tecnológica e o tecno estresse, entre os profissionais de diferentes áreas que atuam na universidade, visto ter sido demonstrado, aqui, através de relatos feitos por estudantes sobre a diminuição da produtividade no local de trabalho em função da ausência de internet, evidenciando, de forma geral uma desorientação e dependência da tecnologia.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, C. N; KARAM, R. G; GÓES, D. S; SPRITZER, D. T. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, V.30, n.2, p.156-67. 2008

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

AZEVEDO, I. C. M. de. Polêmicas em torno do uso excessivo de internet. **Revista Educação Marista**, Ano XII, nº 25, Jul/Dez 2012, São Paulo, 2012.

BRANCO, M. Software livre e desenvolvimento social e econômico. In: CASTELLS, M; CARDOSO, G. (org.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**. Belém: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

BROLLO, M. S; **Explorando o comportamento social dos usuários corporativos de dispositivos móveis**. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado profissionalizante) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Faculdades Ibmecc.

CARBONELL, X; FÚSTER, H; CHAMARRO, A; OBERST, U. Adicción a internet y móvil: una revisión de estudios empíricos españoles. In: **Papeles de Psicólogo**. V.33, n.2, pp. 82-89. Barcelona, 2012.

MORA, Liane et Al. Internet Presente, Dependência Eminente? Um Estudo com Universitários. **Revista Estratégia e Desenvolvimento**, Santana do Livramento, v. 2, n. 1, p.70-89, jul. 2018. Semestral.

CARBONELL, X; BERANUY, M; CASTELLANA, M. CHAMARRO, A; OBERST, U. La adicción a internet y al móvil: moda o transtorno? In: **Adicciones**, 2008. V.20, n.2, pp.149-160.

CARLOTTO, M. S; CÂMARA, S. G. O tecnoestresse em trabalhadores que atuam com tecnologia de informação e comunicação. In: **Psicol. cienc. prof.** V.30, n.2, Brasília, 2010.

CARR, N. **The shallows**: What the Internet is doing to our brains. WW Norton & Company, 2011.

CAVALLINI, R; XAVIER, L; SOCHACZEWSKI, A. **A primeira tela**. 2013. Disponível em: < <http://aprimeiratela.com.br/>> Acesso em: 8 jun. 2015.

CLAY, R. A. Linking up online. In: **Monitor on Psychology**. V.31, n.4, pp. 20-23. Washington, 2000.

CONTI, M. A; JARDIM, A. P; HEARST, N; CORDÁS, T. A; TAVARES, H; ABREU, C. N. Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do *Internet Addiction Test* (IAT). In: **Revista de Psiquiatria Clínica**. V.39, n.3, pp. 106-10, 2012.

DAL CIN, I. C; MELO; M. C. Dependência de Internet: Um estudo com profissionais e estudantes da área de TI em Belo Horizonte. In: XXXVII ENCONTRO DA ANPAD, 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2013

DeANGELIS, T. Is internet addiction real? In: **American Psychological Association**. V.31, n.4, Washington, 2000.

FORTIM, I. **Aspectos psicológicos do uso patológico de internet**. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GREENFIELD, D. As propriedades de dependência do uso de internet. 2011. In: YOUNG, K. S; ABREU, C.N. (Org.); **Dependência de Internet**: Manual e guia de avaliação e tratamento. São Paulo: Ed. Artmed, 2011.

GREENFIELD, D. N. Virtual addiction: sometimes new technology can create new problems. In: **Running Head**: Virtual Addiction, 1999.

HAMPTON, K.N; WELLMAN, B. **The social affordances of the internet for networked individualism**. Toronto, 2002.

IBOPE Media. **Consumo da internet pelos jovens brasileiros cresce 50% em dez anos, aponta IBOPE Media**. 2014a. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Consumo-da-internet-pelos-jovens-brasileiros-cresce-50-em-dez-anos-aponta-IBOPE-Media.aspx>> Acesso em: 4 jun. 2015.

LEMOS, I. L.; SANTANA, S. M. Dependência de jogos eletrônicos: a possibilidade de um novo diagnóstico psiquiátrico. In: **Revista de Psiquiatria Clínica**. V.39, n.1, p.28-33, 2012.

LIRA, W. S.; CÂNDIDO, G. A.; ARAÚJO, G. M. de; BARROS, M. A. A busca e o uso da informação nas organizações. In: **Perspectiva em Ciência da Informação**. V.13 n.1, Belo Horizonte, 2008.

MARCOS, V. P. **Saúde mental de internautas universitários**. São Benardo do Campo, 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em psicologia da saúde, Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2679> Acesso em: 30 mai. 2015.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding media). 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1974

MORAHAN-MARTINS, J.; SCHUMACHER, P. Loneliness and social uses of the internet. In: **Computers in Human Behaviour**. V.19, pp.659–671, 2003.

NICOLACI DA COSTA, A. M.; Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? In: **Estudos de Psicologia**. V.1, n.1, Natal, 2002b.

_____; Quem disse que é proibido ter prazer online. Identificando o positivo no quadro de mudanças atual. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. V.22, n.2, pp. 12-21. Brasília, 2002^a.

NIELSEN IBOPE. **Número de pessoas com acesso à internet no Brasil supera 120 milhões**. 2014. Disponível em: <<http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2014/Numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-no-Brasil-supera-120-milhoes.html>>. Acesso em: 31 mai. 2015.

PALFREY, J; GASSER, U. Identidades. 2011. In: PALFREY, J; GASSER, U. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PERCURSO n.43, dezembro de 2009. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano10/psi0510.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

PEREIRA, R. A.; PICCOLOTO, L. B. **A relação entre Dependência de Internet e Habilidades Sociais em universitários**. Artigo apresentado da Faculdades Integradas de Taquara. Disponível em: <<https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/99/rossana.pdf>> Acesso em: 5 jun. 2015

PONTES, H. O. M. **A dependência à internet: Fundamentação empírica, teórica e clínica – da psicologia e psicometria à cyber-psicologia**. Lisboa, 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto Universitário de Ciências psicológicas, sociais e da vida – ISPA.

MORA, Liane et Al. Internet Presente, Dependência Eminente? Um Estudo com Universitários. **Revista Estratégia e Desenvolvimento**, Santana do Livramento, v. 2, n. 1, p.70-89, jul. 2018. Semestral.

Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2548>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

RAZZOUK, D. Dependência de internet: uma nova categoria diagnóstica? **Psychiatry on line Brasil**. V.3, n.3, 1998.

SEBASTIÃO, G. C. O; LAMPKOWSKI, M. Internet: um estudo sobre comportamento de dependência psicológica em estudantes universitários. Presidente Prudente, 2009. In: ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. **Anais...**Presidente Prudente, 2009.

TAURION, C. **Internet Móvel: Tecnologias, aplicações e modelos**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YOUNG, K. S. Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder. *Cyberpsychol Behav*. V.1, n.3, p.237-44. FALL, 1996.

YOUNG, K. S; ABREU, C.N. (Org.); **Dependência de Internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**. São Paulo: Ed. Artmed, 2011.

_____. Avaliação Clínica de dependentes de internet. 2011. In: YOUNG, K. S; ABREU, C.N. (Org.); **Dependência de Internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**. São Paulo: Ed. Artmed, 2011.;

_____; YUE, X.D; YING, L. Estimativas de prevalência e modelos etiológicos. 2011. In: YOUNG, K. S; ABREU, C.N. (Org.); **Dependência de Internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**. São Paulo: Ed. Artmed, 2011.